Em tempos de pandemia, (des)oriente-se! Breves considerações sobre cultura e alimentação na China

LAYS MATIAS MAZOTI CORRÊA
Universidade Federal de Viçosa, Rio Parnaíba, Minas Gerais, Brasil
laysmm@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp135-143

resumo Diante da pandemia de COVID-19 que estamos vivendo, casos de racismo e xenofobia contra a população do leste asiático vieram à tona de forma mais significativa. Nesse sentido, este ensaio busca analisar algumas destas questões socioantropológicas presentes na atualidade. O texto se inicia a partir do problema da sopa de morcego a fim de evidenciar os pré-conceitos existentes no imaginário popular ocidental acerca dos hábitos alimentares na China. Para tanto, o Orientalismo é utilizado como chave teórica na abordagem sobre o engendramento histórico de discursos que criaram o corpo leste-asiático como inferior epidemiologicamente, isto é, a representação estereotipada que resultou na produção e reprodução de uma história única sobre os países e população que compõe essa região. Por fim, a partir desta abordagem, será possível compreender que os hábitos alimentares envolvem questões que extrapolam o simples ato de comer, se alimentar e/ou nutrir, pois também manifestam, implícita ou explicitamente, as relações de poder, neste caso, entre o Ocidente e o Oriente.

palavras-chave COVID-19. Cultura. Alimentação. China. Orientalismo.

In pandemic times, get (dis)orientalised! Brief considerations about culture and eating in china

abstract Racism and xenophobia cases have increased in a significative way against the East Asian population in the contemporary context of COVID-19 pandemic. This essay aims to analyse some of the socio-anthropological issues that became more present nowadays. It starts discussing the Chinese bat soup issue to highlight the prejudice existing in the popular Western mind about eating habits in China. Orientalism works here as the main theoretical key to approach the historical setting of discourses conceiving the East Asian body as epidemiologically inferior, that is, the stereotypical representation that resulted in the production and reproduction of a unique history about countries and population that makes up this region. Eating habits go beyond the simple act of eating, since

implicitly or explicitly they also manifest power relations, in this case, between the West and East.

keywords COVID-19. Culture. Eating. China. Orientalism.

En tiempos de pandemia, ¡(no) mirar hacia el oriente! Breves consideraciones acerca de la cultura y la alimentación en China

resumen Delante de la pandemia de COVID-19 que estamos enfrentando, ocurrencias de racismo y xenofobia direccionados a la población del este asiático se han tornado presentes de manera significativa. Es decir, este estudio busca hacer un análisis de algunas de las cuestiones socio antropológicas de nuestra actualidad. El texto empieza a partir del problema de la sopa de murciélago, a fines de enfatizar los prejuicios existentes en el imaginario popular occidental acerca de los hábitos alimentares chinos. Para esto, utilizase del Orientalismo como clave teórica en el abordaje acerca del engendramiento histórico de los discursos que han echado a los cuerpos leste asiáticos como inferiores epidemiológicamente, es decir, como estos estereotipos han resultado en una producción y reproducción de una historia única acerca de los países y población pertenecientes a esta región. Finalmente, a partir de este abordaje será posible comprender que los hábitos alimentares presentan cuestiones que están mucho más allá del simples acto de alimentarse o nutrirse, pues también manifiestan, de modo implícito u explicito, las relaciones de poder, en este caso, entre Occidente y Oriente.

palabras clave COVID-19. Cultura. Alimentación. China. Orientalismo.

O problema da sopa de morcego

Apesar de sabermos que a China é o país de origem da COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, o Sars-Cov-2, ainda é incerto como ocorreu sua transmissão para humanos. O que se sabe é que se trata de uma zoonose, cujo local de disseminação certamente foi um mercado de venda de animais silvestres na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei, na China. Primeiro suspeitou-se do pangolim, pequeno mamífero de hábito noturno que se assemelha ao tatu bola. As apostas estão, agora, centradas no morcego.

Em meados de janeiro, um vídeo da *influencer* chinesa Mengyum Wang comendo uma sopa de morcego "viralizou" na internet. Nas imagens, ela aparece sorrindo e exclama que o gosto é parecido com frango. Como fofoca em rede, ninguém sabia ao certo a origem do vídeo, mas já se confabulava que o mesmo havia sido gravado em Wuhan, epicentro da pandemia de COVID-19. O vídeo causou revolta e não demorou muito para que as pessoas começassem a expressar preconceitos contra os hábitos alimentares da população chinesa.

Em minha experiência como docente da disciplina de Antropologia da Alimentação, sei que esta reação era previsível. Em sala, comumente busco mostrar que o "outro" que nos é diferente não deve ser lido a partir da chave do "exótico". A ideia é ressaltar que, como onívoros, podemos comer de tudo, porém fazemos uma seleção, por meio de nossa cultura,

daquilo que consideramos comestível. No entanto, é difícil descontruir os pré-conceitos existentes no imaginário popular ocidental.

Ao destacar que em algumas localidades da China o consumo da carne de cachorro faz parte de uma tradição, é possível ver expressões de aversão em estudantes diante desta informação. A justificativa dada é que os cachorros são animais domésticos e, por isso, seria uma crueldade consumir sua carne por serem "fofos". Entretanto, ao falar que a carne de coelho é apreciada na Europa, a reação é diferente: é comum uma ou outra pessoa expressar que o prato representa uma iguaria da gastronomia francesa, como se isto fosse a oitava maravilha do mundo. Ora, existe animal mais "fofo" do que um coelho?! (Diz a professora vegetariana com o objetivo de provocar alguma empatia).

Como carnívoros adoradores da vaca (não no sentido mítico, mas sim da comensalidade), poucos conseguem vislumbrar outras opções de proteína animal além daquela restrita à sua cultura. Aliás, esquecem-se que uma dieta feita de carne de vaca também pode trazer riscos à saúde, já que a febre aftosa[1] pode ser transmitida do gado para humanos através do contato com animais infectados, do consumo da carne e do leite não pasteurizado. A história já registrou inúmeros surtos da doença pelo mundo. E sua origem não é chinesa, mas italiana, datando-se do século XVI com disseminação global registrada no século XIX.

Orientalismo: a conformação do racismo e xenofobia contra a população leste-asiática

O que esta experiência didática de ensino apresenta em comum com a repercussão do vídeo da sopa de morcego? A dificuldade humana de reconhecer a diferença a partir da alteridade, isto é, do exercício de se colocar no lugar do "outro" e tentar compreender suas escolhas, atitudes e comportamentos de acordo com a cultura deste "outro" e não da sua própria.

Além disso, não é raro encontrar alguém que confunde uma pessoa japonesa com uma chinesa e/ou coreana. Na tentativa de justificar o erro, certamente responderia "é tudo a mesma coisa". Isto é reflexo da representação que o Ocidente constrói sobre o Oriente, aquilo que o crítico literário palestino radicado nos Estados Unidos, Edward Said (2007), chamou de Orientalismo. Nestas representações discursivas construídas pela ciência, literatura, imprensa e por representantes políticos ocidentais, as comunidades leste-asiáticas são colocadas como uma espécie de complexo cultural quase homogêneo, representado por uma população de olhos puxados e pele não-branca mais próxima ao amarelo, cujo costumes e comportamentos são traduzidos a partir de dois extremos.

O primeiro extremo apresenta a minoria modelo, uma visão idílica que as pessoas leste-asiáticas são tímidas, ordeiras, disciplinadas, inteligentes, aproximando-se de uma perfeição quase que inatingível. No outro extremo está a visão oposta, representada a partir do exotismo, cujo retrato revela pessoas preguiçosas, bagunceiras, sujas, indisciplinadas e

[1] Doença provocada pelo vírus do gênero *Aphthovirus* da família *Picornaviridae.*

que comem qualquer coisa. Enquanto a primeira imagem associa-se a atração pelo "outro" dotando-a de características positivas, a segunda revela o medo e o temor diante de diferenças culturais que, quando lidas de forma etnocêntrica, são dotadas de alcunhas pejorativas e estereotipadas, colocando-as, assim, como ameaça, ou aquilo que historicamente passou a ser chamado de "perigo amarelo"[2]. Estas representações geralmente são inflexíveis: ou se é uma coisa ou outra, não há espaço para ser diferente do que se é esperado.

Em tempos de crise e pânico, não é preciso ser uma pessoa sábia para descobrir qual dos dois extremos acaba prevalecendo no imaginário popular. Com a disseminação do vírus no mundo, desde janeiro de 2020 temos observado a propagação de outra moléstia, porém, humana: o racismo e xenofobia contra chineses e, também, pessoas de origem ou descendência leste-asiática.

No Brasil, no início de fevereiro, um vídeo-denúncia postado em uma rede social "viralizou" na tentativa da universitária, Marie Okabayashi, descendente de japoneses, identificar a mulher que lhe proferiu ofensas racistas na saída de um dos vagões do metrô da cidade do Rio de Janeiro: "Olha a chinesa saindo, sua chinesa porca", "nojenta", "fica espalhando doença para todo mundo" (RODRIGUES, 2020). Em março, a estagiária Fernanda Yumi Tagashira, jovem "mestiça" de 19 anos (seu pai é filho de japoneses e sua mãe é negra) também expôs um vídeo diante do racismo sofrido em seu ambiente de trabalho quando uma "colega" de trabalho ficava chamando-a de "Coronavírus" e borrifando álcool em gel no ar constantemente, tanto que ela chegou a ser atingida nos olhos pelo produto (PERES, 2020). Nota importante: nenhuma das vítimas citadas são chinesas ou descendentes de chineses, o que, confirma que a representação imagética das pessoas orientais leste-asiáticas presente no imaginário popular ocidental as colocam como se fossem "tudo a mesma coisa".

Assim como no Brasil, situações de racismo e xenofobia ocorridas em diversas partes do mundo estão sendo denunciadas nas redes sociais desde janeiro. Isso influenciou na criação da #JeNeSuisPasUnVirus no início de fevereiro por franceses de ascendência leste-asiática, que foi incorporada rapidamente por estudantes asiáticos-estadunidenses da Universidade da Califórnia através da #IAmNotAVirus. O movimento se alastrou pelo mundo, influenciando também descendentes leste-asiáticos do Brasil a disseminar a #EuNãoSouUmVirus. O início da campanha é atribuído ao artista visual chinês Chenta Tsai Tseng, uma vez que ele chamou atenção ao entrar em um desfile em Madrid com os dizeres "I am not a vírus" pintado no corpo.

É preciso entender melhor estas situações de racismo e xenofobia neste momento, uma vez que elas não derivam de atitudes irracionais, acionadas em virtude do pavor, medo e angústia vividos atualmente. Na verdade, a imagem das pessoas do leste asiático como bagunceiras, preguiçosas, sujas, disseminadoras de doença resulta-se de uma construção

[2] Denominação utilizada pela primeira vez pelo Kaiser Guilherme II da Alemanha em 1895, em uma carta informava os russos sobre a expansão nipônica na Ásia.

histórica e social. Segundo o antropólogo Christos Lynteris (2018), professor da University of St Andrews, do Reino Unido, os surtos epidemiológicos do final do século XIX (como a terceira onda de peste bubônica[3]), do século XX (como a gripe espanhola[4] e a gripe asiática[5]) e do início do século XXI (como a Sars[6]) foram racializados[7] e politizados, fazendo com que o corpo chinês (e, por conta do Orientalismo, dos corpos leste-asiáticos em geral) passasse a ser entendido como ontologicamente inferior no sentido epidemiológico.

No caso específico da terceira onda de peste bubônica, já existem várias publicações que evidenciam o esforço de médicos e da imprensa britânica em associar a origem da epidemia aos hábitos e costumes chineses, referindo-se, sobretudo, às casas e bairros ocupados por famílias chinesas, como as *Chinatowns* (LYNTERIS, 2018). Esse esforço foi tão bem empreendido que até hoje em uma pesquisa rápida na internet é comum encontrar referências de que o início se deu de fato na China, quando, na verdade, ocorreu em Hong Kong, quando este território fazia parte do Império Britânico.

Nos Estados Unidos, o sentimento antichinês já era bastante forte, uma vez que nativos e imigrantes brancos residentes no país viam imigrantes chineses e seus descendentes como uma competição desleal em seus negócios e no mercado de trabalho, por ofertar produtos e mão-de-obra mais barata. A imprensa estimulava esse sentimento xenofóbico contra chineses retratando as *Chinatowns* como redutos perniciosos, de drogas, prostituição, negócios obscuros e que disseminavam doenças (LYNTERIS, 2018). Por conta disso, em 1882, foi promulgada a *Chinese Exclusion Act* (Lei de Exclusão Chinesa) que proibiu a imigração chinesa para o país até meados do século XX.

O racismo institucionalizado pelo Estado aflorou a sinofobia (xenofobia contra chineses) da população branca, levando a eclosão de dois episódios sangrentos entre trabalhadores imigrantes brancos e chineses: *Rock Spring Massacre*, em Wyoming, em 1885 (28 mortos) e *Hells Canyon Massacre*, em Oregon, em 1887 (34 mortos). Assim, não é coincidência o fato de que em 1900, quando da eclosão de um surto de peste bubônica em São Francisco, foi decretada uma quarentena cujo isolamento restringiu-se apenas a chineses.

---

[3] Causada pela bactéria Yersinia pestis, é transmitida através de pulgas de roedores infectados. Teve início em 1894.

[4] Causada pelo vírus *influenza* tipo A, H1N1, de origem aviária, afetou a Europa em 1918 e 1919, palco principal da 1º Guerra Mundial. Apesar do nome mencionar a Espanha, sua origem é incerta; as hipóteses são Reino Unido, Estados Unidos ou China.

[5] Originado na China a partir de porcos, é causada pelo vírus *influenza* A do subtipo H2N2. Sua disseminação ocorreu entre 1957 e 1958 e afetou consideravelmente o sudoeste da Ásia.

[6] Sars, Síndrome Respiratória Aguda Grave, causou uma epidemia na China em 2002. O vírus, o *Sars-Cov-1* é da mesma família do *Sars-Cov-2*, responsável por causar a COVID-19.

[7] Como herança das teorias raciais de outrora, os corpos que são racializados até hoje são sempre e somente os de cor, isto é, corpos negros e amarelos.

A produção de histórias únicas

O que sabemos, de fato, da China? O país é marcado por um regime político autoritário. Certo. Mas o que sabemos além disso? E de outros países do Leste Asiático? O que conhecemos de suas histórias e culturas? Apesar de vivermos em um mundo globalizado e mundialmente conectado, pouco conhecemos da realidade destes países que ficam do outro lado do mundo.

Ainda que o Ocidente tenha experimentado uma maior relação cultural e econômica com o Oriente, os *doramas*[8], os cosméticos, o filme Parasita[9], os grupos de *k-pop*[10] sul-coreanos; a moda e gastronomia japonesa, a acupuntura e a tecnologia chinesa apresentam-se como elementos isolados do complexo cultural, político e econômico que a Coréia do Sul, o Japão e China representam de fato[11].

Em outras palavras, ao tomar estes elementos de forma isolada tem-se uma visão parcial e limitada de uma totalidade mais abrangente, vasta e complexa. Isso seria o mesmo que traduzir o Brasil - um país de dimensão continental em território e, também, em culturas e histórias - como sinônimo da tríade samba, carnaval e futebol. Assim, não podemos resumir todo o cinema sul-coreano a um único filme que ganhou o Oscar, pois, na verdade, ele é mais abrangente e diversificado; da mesma forma que não se pode acreditar que os cosméticos de forma isolada são a fonte da beleza e da juventude, responsáveis pelo efeito "pele porcelana" tão desejado por muitas pessoas.

Os cosméticos sozinhos não fazem milagres. Porém, combinados com alimentação e modos de vida saudáveis certamente melhorarão a estética, saúde e a própria elasticidade da pele. Estudos apontam que o consumo de *kimchi*, um tradicional prato coreano elaborado com repolho fermentado, deveria fazer parte de qualquer rotina de *skincare*[12], uma vez que apresenta um considerável potencial probiótico para humanos, além de ser antioxidante, antimicrobiano, anti-inflamatório e anticancerígeno, o que auxilia no equilíbrio da flora intestinal e, por sua vez, na saúde da pele (LEE et.al, 2015).

---

[8] São as "novelas" coreanas que se popularizaram ao serem veiculadas pelo aplicativo de *streaming* Netflix.

[9] Em 2020, pela primeira vez na história, o vencedor do Oscar de Melhor Filme foi uma obra de língua não inglesa: o filme sul-coreano Parasita, dirigido por Bong Joon-ho. Apesar da visibilidade que o filme alcançou com a premiação, o que o Ocidente conhece e valoriza do cinema sul-coreano ainda é limitado, diferente do seu tratamento para com o cinema hollywoodiano e também o europeu.

[10] *Korean Pop* (pop sul-coreano), trata-se de um estilo musical que é marcado pela mistura de diversos gêneros, como o *pop*, o *hip-hop* e o eletrônico. Apesar de seu surgimento ter se dado em 1992, foi somente em 2012 que o *k-pop* entrou de fato no Ocidente, dado o sucesso de Gangnam Style, lançada pelo artista Psy (Park Jae-Sang). Atualmente, o *k-pop* é o carro-chefe (*mainstream*) da indústria cultural sul-coreana, uma vez que com a fórmula de sucesso utilizada na montagem dos grupos e suas coreografias chamativas, este estilo musical tornou-se um fenômeno mundial.

[11] É importante destacar que o Leste Asiático envolve mais países do que China, Japão e Coreia do Sul. Entretanto, o Ocidente conhece ainda menos a realidade, história e culturas de outros países desta região, como Taiwan, Mongólia e Coréia do Norte.

[12] Cuidados da pele. Utilizado pela indústria de cosméticos, este termo já se encontra difundido no imaginário ocidental.

Para além da limitação, estas representações propagadas pela literatura, ciência, política, televisão, música, imprensa, por vezes, "exotizam" modos de vida, práticas e costumes vistos por um olhar ocidental como pitorescos. Um exemplo disso encontra-se no próprio vídeo da sopa de morcego. A forma como foi construído e veiculado fornece uma falsa impressão como se todo restaurante chinês vendesse o referido prato sendo que, na verdade, o vídeo não era atual e tampouco havia sido gravado na China. Em virtude de sua repercussão negativa, a *influencer* Wang fez uma retratação na qual destacou que o vídeo foi filmado em 2016, em Palau, uma ilha do oceano Pacífico.

O modo como a mídia ocidental aborda a questão dos mercados e dos hábitos alimentares chineses contribui diretamente para a exotização da China e de seus habitantes a partir da construção de uma imagem estereotipada. A impressão deixada por estas abordagens faz com que as pessoas pensem que isso acontece de forma indiscriminada, como se uma pessoa chinesa estivesse na rua e, ao ver um cachorro, decidisse ali, naquele momento, devorá-lo.

Como diz a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, o problema dos estereótipos não é que sejam totalmente falsos, mas sim incompletos, o que, por sua vez, contribui para a perpetuação de uma história única sobre determinado continente, país e/ou comunidade. Se, por um lado, imagens de pessoas que comem morcegos, cachorros e/ou ratos de forma indiscriminada são amplamente divulgadas, por outro, estas abordagens midiáticas não são acompanhadas de uma visão mais ampla sobre este contexto alimentar.

Oculta-se, por exemplo, o fato de que ao longo da história da China, um país de vocação agrária, sua cultura alimentar foi moldada a partir de grandes períodos de carestia na produção de alimentos e também por políticas públicas desastrosas, como no período da "Grande Fome", compreendido entre os anos de 1958 a 1962[13] e que vitimou cerca de 20 milhões de pessoas (CHANG-SHENG, 2004).

Em virtude do comportamento alimentar humano ser permeado de relações socioculturais estabelecidas a partir de condicionantes biológicos e fisiológicos (comer como necessidade para saciar a fome) e ecológicos (alimentar-se do que está disponível no meio ambiente), fica mais fácil compreender os hábitos alimentares chineses. Diante de períodos de fome intensa, qualquer coisa que se mexesse passou a entrar na ordem do comestível, isto é, tornou-se, para a população chinesa, comida.

[13] Sob a liderança de Mao Tsé-Tung, a China lançou a campanha o "Grande Salto para Frente" em 1958 que objetivava acelerar o desenvolvimento econômico do país via industrialização e coletivização agrícola. As consequências deste processo levaram a China à Grande Fome, "um dos maiores desastres humanos da história chinesa" (CHANG-SHENG, 2004, p. 123), episódio ficou conhecido na China como o "difícil período de três anos".

A COVID-19 não é um problema chinês, mas da humanidade como um todo

Espero que estas breves considerações tenham ao menos tornado evidente que quando se fala de cultura e alimentação na China "o buraco é mais embaixo", como diz o ditado popular. Os hábitos alimentares envolvem questões que extrapolam o simples ato de comer, se alimentar e/ou nutrir, expressando-se também através de relações de poder (neste caso, entre o Ocidente e o Oriente).

Todas as questões aqui apresentadas ajudam a entender o porquê o atual presidente dos Estado Unidos da América, Donald Trump, chamou o novo coronavírus de "vírus chinês". Ao fazer isto, o representante político não somente aciona a imagem da inferioridade epidemiológica do corpo chinês e dos seus "exóticos" hábitos alimentares como reproduz essa ameaça na geopolítica contemporânea, visto que a China representa atualmente a segunda maior economia do mundo. Se antes, no século XIX, a ideia do "perigo amarelo" foi endossada para garantir a hegemonia britânica na geopolítica mundial, hoje são os Estados Unidos que incrementam esta narrativa na tentativa de salvaguardar sua hegemonia no mundo.

É preciso entender que a pandemia de COVID-19 não criou o racismo e a xenofobia que temos assistido atualmente contra as comunidades leste-asiáticas, uma vez que, como mostrado, estes discursos existem há muito tempo. Assim, a pandemia atual revela o quanto nós, ocidentais, desconhecemos sobre a realidade histórica e cultural chinesa.

A saída seria orientar-se por informações mais consistentes do que aquelas veiculadas pela mídia, ou melhor, (des)orientar-se a partir de um olhar que desconstrua o Orientalismo. Para tanto, seria necessário a cooperação de ambos os lados: no caso da China, uma maior democratização de suas próprias informações, sua história e cultura (com o Ocidente e também com sua própria população); no caso do Ocidente, a demonstração de interesse sobre culturas diferentes, através de estudos e pesquisas que não se restringissem ao regime político chinês.

Isso não quer dizer negar o autoritarismo que ainda marca a China, mas acabar com a propagação de uma história única sobre o país, afinal, "ela *[história única]* rouba a dignidade das pessoas. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil" (ADICHIE, 2009). É preciso ver que, para além da política, um país é formado de pessoas que sonham, batalham, sentem medo, inventam e criam diante de adversidades. Dessa forma, ambos os lados poderiam perceber que é possível aprender através das diferenças, usufruindo, assim, do teor pedagógico inerente ao exercício da alteridade.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda. —O Perigo da História Única. (2009). *Tecnology, Entertainment and Design* (TED Global), 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/

chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em 29 abr. 2020.

CHANG-SHENG, Shu. (2004). "Do grande salto para frente à grande fome: China de 1958-1962". In: Diálogos, vol.8, n.1, 2004.

LEE, Na-Kyoung; HAN, Kyoung Jun; SON, Sung-Ho; EOM, Su Jim; LEE, Si-Kyung; PAIK, Hyun-Dong. (2015). "Multifunctional effect of probiotic Lactococcus lactis KC24 isolated from kimchi LWT". In: Food Science and Technology, v. 64, n. 2, p. 1036–1041.

LYNTERIS, Christos. (2018). "Yellow Peril Epidemics: The Political Ontology of Degeneration and Emergence". In: BILLÉ, Franck; URBANSKY, Sören. *Yellow Perils*: China narratives in the contemporary world. University of Hawaii Press.

PERES, Thalita. (2020). "Mulher borrifa álcool em jovem: 'Você é o Coronavírus'". In: Revista Marie Claire. Notícias. 19/03/2020. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/03/mulher-borrifa-alcool-em-jovem-voce-e-o-coronavirus.html>. Acesso em 27 abr. 2020.

RODRIGUES, Matheus. (2020). "Estudante diz ter sido chamada de 'chinesa porca' por idosa no metrô do Rio e registra queixa na polícia". In: G1. Rio de Janeiro, 04/02/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/02/04/estudante-diz-ter-sido-chamada-de-chinesa-porca-por-idosa-no-metro-do-rio-e-registra-ocorrencia.ghtml>. Acesso em 27 abr. 2020.

SAID, Edward W. (2007). *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras.

sobre a autora

Lays Matias Mazoti Corrêa

Docente da área de Sociologia e Antropologia na Universidade Federal de Viçosa, campus de Rio Paranaíba-MG. Doutora em Ciências Sociais pela UNESP, campus de Marília-SP, mestre em História pela UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon e graduada em História pela UFMS, campus de Três Lagoas.

Recebido em 04/05/2020
Aceito para publicação em 01/08/2020